

Multinacionais estão céticas

SÃO PAULO — Ao contrário dos investidores no mercado de ações, que saudaram a nova resolução sobre conversão da dívida externa com uma alta de 6,3% no pregão de São Paulo, executivos de algumas empresas multinacionais receberam com frieza as novas regras.

“Nós não vamos aproveitar o mecanismo de conversão”, disse o engenheiro Marcel Batsleer, diretor financeiro do grupo Dow. Segundo ele, as possibilidades de investimento no setor em que a empresa atua são muito reduzidas, devido à ausência de grandes projetos petroquímicos. “Não temos onde aplicar os cruzados que poderiam ser conseguidos através da conversão”, resumiu.

Para o diretor da Dow, cujo faturamento no ano passado foi de 430 milhões de dólares, o mecanismo de conversão é atraente para as empresas que ainda não estão instaladas no país. Sua única preocupação é de que a conversão caminhe em sentido contrário à resolução do problema da dívida externa. “A medida que o problema da dívida for resolvido, o percentual de deságio vai se reduzir e isso

pode tornar a conversão menos atraente”, pondera Batsleer.

O administrador Henrique Ubrig, vice-presidente financeiro da Dupont, considera que a resolução de quarta-feira do Conselho Monetário Nacional é melhor do que a anterior, fixada em novembro, mas diz que ainda subsistem muitas dúvidas práticas. “É uma alternativa de investimento a ser estudada, mas temos que esperar o nível de deságio que será praticado pelo mercado e também não sabemos qual será o tratamento tributário que esse tipo de operação vai sofrer nos Estados Unidos”, afirmou Ubrig.

Pelas contas do vice-presidente da Du Pont, para que a operação da conversão se torne atraente é necessário um deságio líquido para o investidor de, no mínimo, 30%. Ainda assim, explica, é preciso saber se a legislação americana vai tratar com benevolência esse tipo de negócio ou se o Fisco vai incidir de imediato sobre a compra de títulos. “Como a compra de títulos vai ser feita com dinheiro da matriz, a operação está sujeita ao Fisco americano”, lembra Ubrig.

Para o executivo da Du Pont, porém, o empecilho principal é o mesmo apontado pelo diretor-financeiro da Dow: ausência de perspectivas para os investimentos. “O essencial é ter um quadro econômico e político favorável”, afirma. “A conversão é só um instrumento.” Ele descartou a hipótese de que a Du Pont possa adquirir ações de estatais através da conversão. “Não nos interessa”, disse.

Jair Ribeiro da Silva, diretor-jurídico do grupo italiano Ferruzzi — principal acionista da companhia Cida de Alimentos —, diz que a empresa vai estudar com atenção a possibilidade de realizar operações de conversão, mas que nada existe de concreto. “Temos dúvidas sobre o tratamento que será dado às remessas de dividendos”, explica Silva Neto.

Embora aguarde com curiosidade os leilões que definirão, na prática, o nível de ágio que será determinado pelo mercado, o diretor da Ferruzzi explica que a empresa não tem planos muito ambiciosos de investimento. “Planejamos investir pouco mais de 2 milhões de dólares este ano”, revela.